

Project Gutenberg's Obras posthumas, by Nicolau Tolentino de Almeida

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Obras posthumas

Author: Nicolau Tolentino de Almeida

Release Date: July 3, 2011 [EBook #36608]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OBRAS POSTHUMAS ***

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

OBRAS
POSTHUMAS

DE

NICOLÁO TOLENTINO
DE ALMEIDA.

LISBOA, 1828.

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

*Com Licença da Meza do Desembargo
do Paço.*

A Sua Alteza.

SONETO I.

Tornai, tornai, Senhor, ao Tejo undoso,
Vinde honrar-lhe outra vez a clara enchente,
E deixai que ajoelhe entre a mais gente
Hum protegido humilde, e respeitoso.

Não leva a vossos pés rogo teimoso

De importuno cansado pertendente;
 Vem beijar-vos a mão humildemente,
 A mão augusta que o fará ditoso.

Pois foi por Vós benignamente ouvido,
 Não vai fazer em pertença estudo,
 Vai só mostrar-vos que he agradecido.

Ante Vós ajoelha humilde, e mudo:
 Mostrai-lhe que inda he Vosso protegido;
 Que se isto lhe ficou, ficou-lhe tudo.

A Sua Alteza.

[4]

SONETO II.

Qual naufrago, Senhor, que foi alçado
 Por mão piedosa d'entre as ondas frias,
 Tal eu de antigas duras agonias
 Por vossas Reaes mãos fui resgatado:

Pois vencestes as teimas do meu fado,
 E já vejo raiar dourados dias,
 Deixai que possa em minhas poesias
 O vosso Augusto Nome ser cantado.

Não he digna de vós minha escriptura,
 Nem harmonia, nem estilo a adoça;
 Mas valha-lhe, Senhor, vontade pura.

Principe excelso, consentí que eu possa
 Fazer inda maior minha ventura,
 Contando ao mundo que foi obra Vossa.

*Sahindo Conselheiro da Fazenda o Illustrissimo,
 e Excellentissimo Senhor D. Diogo
 de Noronha.*

[5]

SONETO III.

Nem sempre em verdes annos a imprudencia
Produz irregular procedimento:
Nem sempre encontra o humano entendimento
Só perto do sepulcro a sã prudencia.

Em Vós não esperou a Providencia
Que longas cans vos dêm merecimento:
Em Vós mostrou que estudos, e talento
Valem mais do que a larga experiencia.

Os eruditos velhos Conselheiros,
Depois que o vosso voto alli for dado,
Serão de Vós eternos pregoeiros:

E dirão que deveis ser escutado
Onde os Ministros vossos companheiros
Não sejam da Fazenda, mas do Estado.

Aos leques mui pequenos, chamados Marotinhos.

[6]

SONETO IV.^[1]

Fofô colchão, as plumas bem erguidas,
E sobre os hombros nas jucundas frentes
De enrolado cabello anneis pendentés,
Longos chorões, bellezas estendidas,

Era esta das matronas presumidas
A moda, que trazião bem contentes;
Riã-se dellas as modestas gentes
Vendo pequenas poupas esquecidas.

Nisto a gentil Madama aperaltada,
Grande auctora de trastes exquisitos,
Nova moda lhe inventa abandalhada.

Reprova-lhe aureos leques com mil ditos.
Eis senão quando (oh moda endiabrada!)
Abanão-se com azas de mosquitos.

O cruel disfarce.

[7]

SONETO V.

Sem murmurar padecerei callado
Cumprindo o teu preceito violento:
Faltava a envenenar o meu tormento
Dever ser por mim mesmo disfarçado.

De trazer o semblante socegado
Farei o inculpavel fingimento:
Nos olhos mostrarei contentamento,
Tendo hum punhal no coração cravado.

Este peito onde nunca engano viste,
Que não sabe a vil arte de affectar-se,
Onde a verdade, e a intacta fé existe,

Martyr do amor, e do infiel disfarce,
Nas tuas adoraveis mãos desiste
Té dos tristes direitos de queixar-se!

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Visconde de Ponte de Lima, Secretario
de Estado.*

[8]

SONETO VI.

A longa cabelleira branquejando,
Encostado no braço de hum Tenente,
Cercado de infeliz chorosa gente
Hia passando o velho venerando.^[2]

Geraes repostas para o lado dando:
«Sim Senhor; Bem me lembra; Brevemente;»
Na praguejada mão omnipotente
Nunca lidos papeis hia aceitando.

Mas eu que já esperava altas mudanças,
 Melhor tempo aguardei, e na algibeira
 Metti a Petição, e as esperanças.

Chegou, Senhor Visconde, a *viradeira*:
 Soltai-me a mim tambem destas crianças,
 Onde tenho o meu Forte da Junqueira.

*Fazendo Annos a Illustrissima, e Excellentissima
 Senhora Marqueza de Angeja.*

[9]

SONETO VII.

Senhora, ha muito tempo pertendia
 Ser do vosso favor patrocinado:
 Mil vezes vos quiz dar este recado;
 Porém sempre o respeito me impedia.

Chegou em fim o venturoso dia
 A fazer beneficios destinado:
 Vou neste privilegio confiado;
 Que a não ser isso não me atreveria:

Vou pedir que descendo da Cadeira,
 Onde explico os crueis Quintilianos,
 Me ensineis a tomar melhor carreira.

Que em mim ponhais os olhos soberanos,
 E que me chegue em fim a *viradeira*^[3]
 No faustissimo dia destes annos.

*Aos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo
 Senhor Conde de Avintes.*

[10]

SONETO VIII.

A varonil idade florecente

Vos tece, illustre Heróe, annos dourados
 Para serem á Patria consagrados;
 Pois sois de Almeidas claro descendente.

Sobre as terras, e mares do Oriente
 Inda vejo os trofeos alevantados:
 Vejo beber mil corpos aboiados
 Do turvo Gange a fervida corrente.

No difficil caminho d'honra, e gloria
 Por ferro, e fogo a seus bons Reis servindo,
 Vos deixão por doutrina a sua historia.

Forão diante o duro passo abrindo:
 Entrai, Senhor, no Templo da Memoria,
 Os bons Avós, e o illustre Pai seguindo.

Estando nas Caldas.

[11]

SONETO IX.

Por mais que vos alongue olhos cansados,
 Olhos ha tanto tempo descontentes,
 Não vedes mais que pallidos doentes
 Por mãos estranhas n'agoa sustentados.

Quantas vezes ficastes magoados
 Por ver ir entre as fervidas correntes
 Envolvidas mil lagrimas ardentes
 Do que em vão quer alçar braços mirrados!

Vistas são estas de bem pouco gosto;
 Porém bem pagos ficareis hum dia
 Quando virdes de Arminda o lindo rosto.

E o pranto, que atégora vos cahia
 De lastima, d'auzencia, e de desgosto,
 Ella o fará correr; mas de alegria.

A huns Annos.

[12]

SONETO X.

Foi este o dia em que a teus pés baixarão
Venus, e as lindas Graças innocentes,
E em torno do aureo berço reverentes
Ao som de alegres hymnos te embalarão.

Aos teus olhos gentís communicarão
Cruel poder de conquistar as gentes:
Mil suspiros, mil lagrimas ardentes
A muitos corações prognosticarão.

Dêrão-te huma alma heroica, hum nobre peito:
Dêrão-te discrição, e formosura,
Dons a que o mundo está mui pouco afeito.

Mas, oh humana sorte, triste, escura!
Para na terra nada haver perfeito,
Dêrão-te hum coração de pedra dura.

Ao disfarce das Mulheres.

[13]

SONETO XI.

Vens debalde, oh bellissima perjura,
C'o lindo rosto em lagrimas banhado:
Já fui por ti mil vezes enganado,
E sempre me affectaste essa ternura.

Esse alvo peito, que he de neve pura,
Mas de aço, e fino bronze temperado,
Encobre hum coração refalseado,
Hum coração de viva rocha dura.

Em vão trabalhas, se enganar-me queres,
Vejo correr com animo sereno
Esse pranto em que fundas teus poderes:

Mal inventado ardil: ardil pequeno:

Tu mesma me ensinaste, que as mulheres
Misturão com as lagrimas veneno.

A huma Camponeza.

[14]

SONETO XII.

Não morão em palacios estucados
Almas singelas, almas extremosas:
Nutrem da Corte as damas enganosas
Em tenros peitos corações dobrados.

Venhão por longos mares conquistados
As Indianas sedas preciosas:
Cubrão-lhe as carnes alvas, e mimosas
Ricos vestidos em Paris bordados.

São isto effeitos da arte, e da ventura:
Estimo mais que toda a vã grandeza
Hum limpo coração, huma alma pura.

Não na Corte; das serras na aspereza
Fui achar innocencia, e formosura,
Sagrados dons da simples Natureza.

A huma Dama interesseira.

[15]

SONETO XIII.

Podião ser felices meus amores
Quando por ouro o amor se não vendia:
Já de palavras Nize desconfia,
Só crê ou em dinheiro, ou em penhores.

Vio-me assaltado d'ancias, e temores

Quando na porta irada mão batia:
 Por costume infeliz ella sabia
 Que era algum dos cansados acredores.

Forão-se os dias bemaventurados,
 Em que só almas grandes, peitos nobres,
 Erão do Deus de amor agazalhados:

Negro destino hoje preside aos pobres:
 Poz termo a bella Nize aos seus agrados,
 Vendo esta bolça condemnada a cobres.

*Ao faustissimo dia da Inauguração da Estatua
 Equestre d'El-Rey Fidelissimo o
 Senhor D. José I.*

[16]

SONETO XIV.

Em quanto o Reino cheio de ternura
 Ao grande Bemfeitor te ha consagrado,
 E respeita aos teus pés ajoelhado
 O Rey Augusto de quem és figura:

Em quanto os que me vencem em ventura
 Abrindo o antigo cofre chapeado,
 Mandão de prata, e d'ouro recamado
 Entretecer a rica vestidura:

Eu que não tenho desta louçania,
 De outra sem pejo sahirei composto,
 Que não cede á mais fina pedraria.

São ternissimas lagrimas de gosto:
 Nem infama o triunfo deste dia
 Quem põe por gala o coração no rosto.

Descripção de Badajoz.

[17]

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

